

Problematizando Práticas Educativas e Culturais

Corpo

Gênero

Sexualidade



**Guiomar Freitas Soares
Meri Rosane Santos da Silva
Paula Regina Costa Ribeiro
ORG**

**CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE:
PROBLEMATIZANDO PRÁTICAS EDUCATIVAS
E CULTURAIS**



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE

Reitor

JOÃO CARLOS BRAHM COUSIN

Vice-Reitor

ERNESTO LUIZ CASARES PINTO

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários e Estudantis

DARLENE TORRADA PEREIRA

Pró-Reitor Administrativo

JOSÉ VANDERLEI SILVA BORBA

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

JOSÉ CARLOS RESMINI FIGURELLI

Pró-Reitor de Graduação

CLEUZA MARIA SOBRAL DIAS

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

LUIZ EDUARDO MAIA NERY

CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: PROBLEMATIZANDO PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS

Autores

Fernando Seffner
Guiomar Freitas Soares
Marcia Ondina Vieira Ferreira
Marcio Caetano
Mérid Rosane Santos da Silva
Nádia Geisa Silveira de Souza
Paula Regina Costa Ribeiro
Silvana Vilodre Goellner
Silvino Santin

Organizadoras

Guiomar Freitas Soares
Mérid Rosane Santos da Silva
Paula Regina Costa Ribeiro

Rio Grande
2006

2006

Capa: Tássia Dias Furtado
Editoração: Cilene Porto Severo
Josiane Vian Domingues

C 822 Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais/ Fernando Seffner...[et al], Guiomar Freitas Soares, Méri Rosane Santos da Silva, Paula Regina Costa Ribeiro (Org.).-[Rio Grande: Ed. da FURG], 2006.
118 p.

ISBN 85-7566-055-1

1. Educação; sexualidade 2. Sexualidade: gênero Seffner, Fernando II. Soares, Guiomar Freitas III. Silva, Méri Rosane Santos da IV. Ribeiro, Paula Regina Costa

CDU 37.015.6

Catálogo na Fonte: Cláudio Renato Moraes
CRB-10/1059

PROCURANDO/ROMPENDO MARCAS NO CORPO...

Nádia Geisa Silveira de Souza

APRESENTAÇÃO

Neste artigo tenho como propósitos discutir o corpo como inscrição dos acontecimentos com os quais se relaciona ao longo da sua existência e chamar a atenção para as implicações das práticas sociais na fabricação dos sujeitos. Para esta discussão, estabeleço conexões com proposições de Michel Foucault e de autores do Campo dos Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas. Organizei a escrita deste texto em sessões. Na primeira, trato da perspectiva de onde venho pensando o corpo. Nas demais, discuto as inscrições processadas no corpo em diferentes instâncias sociais a partir da pesquisa que realizei no meu doutorado.

Palavras-chave: produção do corpo e da vida/morte, efeitos das práticas sociais, rupturas no habitual.

De onde venho pensando o corpo...

Por tanto amor, por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz, manso ou feroz
Eu, caçador de mim

Preso a canções
Entregue a paixões que nunca tiveram fim
Vou me encontrar, longe do meu lugar
Eu, caçador de mim

Nada a temer
Senão o correr da luta
Nada a fazer
Senão esquecer o medo
Abrir o peito à força
Numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura

Longe se vai, sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim

(Caçador de Mim

Interpretação: Milton Nascimento

Composição: Luís Carlos Sá e Sérgio Magrão)

Que motivos levam-me a iniciar este texto com essa música? Vários. Entretanto, não tenho ainda condições de pensar e de falar de outros, dos quais talvez só possa vir a ver em outros momentos. Assim, falo daqueles que me ocorrem neste momento da escrita interpelada pela escuta, pelas fraturas e pelas reconstruções que os seus sentidos geram no meu pensamento.

Essa música não me é desconhecida, mas neste momento de escrita em que penso, olho o corpo, a música me interpela de outro jeito. Penso num corpo que não traz em si uma natureza e, sim, que vem sendo inscrito no indeterminado dos acontecimentos que o interpelam cotidianamente, produzindo sentimentos, desejos, paixões, ódios, amores, atitudes esperadas e inesperadas, muitas vezes nomeadas como contraditórias. Afinal, fomos ensinados que nós, humanos, e a vida éramos (ou deveríamos ser) totalidades coerentes ao alcance dos finais felizes. Tal analogia, a música e o pensamento, me faz refletir que nem a música nem eu somos mais os mesmos, pois passamos a enunciar e a interpelar de outro modo.

Então, do que a música me fala enquanto penso no corpo? Fala-me tanto do amor e da emoção quanto da vida; e que ela, a vida, me fez assim, “doce ou atroz, manso ou feroz”, “entregue a paixões, preso a canções”. Portanto, eu não nasci assim: fui feito assim. Instiga-me a me tornar “Eu, caçador de mim”, o que eu interpreto como ir atrás daquilo que conheço, tornando desconhecido. Essa procura me parece apontar para a possibilidade de, ao encontrar as vozes que me habitam, ver que não tenho nenhum fundamento primeiro e que “vou me encontrar, longe do meu lugar”.

Mas, como prosseguir nesse caminho? “Eu, caçador de mim” preciso seguir na luta, sem medo do desconhecido, “sem nada temer, senão o fugir da luta”. Todavia, como fazê-lo? A música me canta “nada fazer, senão esquecer o medo, abrir o peito à força”, e eu digo querer ser interpelado, afetado; “numa procura, fugir às armadilhas da mata escura”, o que tomo como o desconhecido, aquilo que não sei e não sou, mas que poderei vir a conhecer e a ser. Onde isso me levará? Novamente, a canção me interpela “longe se vai, sonhando demais, mas onde se chega assim, vou descobrir o que me faz sentir, Eu, caçador de mim”...

É disso que quero falar nesse texto: da forma como temos atuado e olhado para nós mesmos e os outros. Presos a noções ordenadas e binárias de mundo e de quem somos, não só não olhamos para nós e para o que nos é familiar, mas também

lamentamos as mudanças, as rupturas, as diferenças e sentimos nas crises o medo do desconhecido, do inusitado, de descobrir o que nos faz sentir...

Na conexão com a música, uma questão orientadora dos estudos que tenho realizado refere-se à problematização das noções que adquirimos do corpo como pré-determinado na sua herança, seja da genética, seja da tradição ou, ainda, como pura fisiologia. Um corpo fora de seu tempo/espço, sem relação com as condições em que vive, as maneiras como vive e convive e aquilo que lhe acontece traz, supostamente, na sua essência ou natureza, a origem do que é e está predestinado a ser. Nessa forma de pensar e olhar o corpo como anterior, fixo e sem relação com aquilo que lhe é “exterior”, ao olhar o passado (as histórias contadas), buscamos nele as explicações para o presente, como se o corpo trouxesse no seu interior um percurso traçado desde o início, neste mundo ou fora dele.

Ao discutir a genealogia³ a partir do pensamento de Nietzsche, Foucault (1998) vai nos dizer que se enganam aqueles que pensam o corpo como sede de instintos, desejos e sentimentos perenes ou como lugar de pura fisiologia, uma vez que “ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências” (Idem, p.27). Assim, segundo o filósofo, se quisermos conhecer de onde provém o corpo, é preciso descobrir as marcas sutis, singulares, que nele se entrecruzam e fabricam uma rede custosa de desenredar. Enquanto marca do que acontece, a proveniência do corpo (ou sua herança) inscreve-se nos sistemas nervoso, digestivo, respiratório, nos hábitos alimentares, na forma de respirar, de movimentar-se, de sentir, no ritmo (Foucault, 1998).

A constituição das individualidades não se subordina exclusivamente às peculiaridades constitucionais com a qual a pessoa nasce, mas advém das relações que estabelecerá com as pessoas de seu meio social numa determinada época e sociedade. Segundo Norbert Elias (1994), mesmo no seu nível mais fundamental, os indivíduos existem na relação com os outros, cuja configuração é específica de sua sociedade.

Em relação à constituição do sujeito, Foucault (2004) vai dizer que ele não é uma substância, mas sim uma forma. Esta forma, seja em relação a si mesmo, seja aos outros, ou, ainda, às situações, configura-se na rede de relações que integram uma determinada condição de disposição das relações, das coisas e das pessoas.

³ A genealogia refere-se aqueles estudos em que Foucault analisa a constituição do sujeito na trama histórica (Foucault, 1998).

Nesse sentido, a materialidade humana, ao corporificar condutas exercidas pelos diversos mecanismos de poder⁴, que se engrenam na trama social, adquire forma naquilo que nomeamos o corpo. Assim, aqueles elementos que atuam nas práticas sociais, sejam ditos, sejam vistos, ao serem incorporados, adquirem o caráter de essência do corpo. No entanto, esses são efeitos de natureza biossocial.

Dessa perspectiva, se pretendemos entender como fomos formados e nos (trans) formamos nas pessoas que estamos sendo num determinado momento, precisamos procurar conhecer como funcionam os processos que integram a constituição de subjetividades e de produção dos corpos.

Torna-se necessário, assim, olhar o efeito das práticas sociais implicadas em relações de poder/saber⁵ que, de modo invisível, se correlacionam em diversas instituições sociais, inscrevendo no corpo seus gestos, comportamentos, desejos, sentimentos. Essa maneira de olhar, que não busca o reconhecimento, mas se apoderar e se distanciar, pode criar condições para que se perceba a multiplicidade de outros, confrontos, lutas, coerções, verdades que habitam o corpo, governando suas posições em relação a si e aos outros. Talvez, possibilite que se encare de modo mais crítico aquilo que somos e fomenta outras subjetividades e formas de pensar o corpo. Ou, ainda, como nos diz Foucault (1998), a história “efetiva” possibilita a entrada do devir naquilo que se pensava perene – o corpo, visto que “nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles” (p.27).

Tais proposições têm me movido a analisar, na trama histórica dos corpos, os diversos e distintos processos sociais que os antecedem e atravessam, neles se inscrevendo, produzindo-os. Nas sessões a seguir, passo a contar como tenho utilizado tal perspectiva de olhar o corpo a partir da discussão de alguns fragmentos da pesquisa que realizei no Doutorado⁶.

⁴ Estou utilizando mecanismo de poder no sentido de um conjunto de ações de uns sobre os outros, que conduz condutas, ordenando o campo de possibilidades dos outros (Foucault, 1995).

⁵ Para Foucault, o poder funciona e é exercido através de ações de um indivíduo em relação ao outro, cuja finalidade é conduzir a conduta do outro e, por conseguinte, através de relações de enfrentamento ou de resistência (Foucault, 1998, 2003).

⁶ Na Tese de doutorado *Que corpo é esse? O corpo na família, mídia, escola, saúde,...*, examinei as narrativas (transcrições), as produções e, também, as cenas envolvendo professores/as de Biologia, quando participavam das atividades que compuseram o Curso “Uma releitura da dicotomia corpo/organismo”, que foi filmado. Dele participaram 30 professores/as, sendo vinte e oito mulheres, que viviam em meio urbano e trabalhavam em escolas de Ensino Médio da rede estadual, localizadas nas proximidades das zonas centrais da cidade de Porto Alegre. O curso foi desenvolvido pela Linha de Pesquisa Estudos em Educação em Ciências, do Curso de Pós-Graduação em Bioquímica/Instituto de Ciências Básicas da Saúde/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na pesquisa, analiso as atividades “A história dos nomes”, em que as(os) professoras(es) conversaram sobre a história dos seus nomes e o reconhecimento com o seu nome, apresentando o colega no grande grupo; “Com quem sou parecido/a? Como é ser parecido/a?”, a partir de fotos de famílias discutimos os marcadores que criam as pareências nas práticas de famílias; e “Linha de vida social”, na qual os/as professores/as produziram um cartaz representando as fases da vida, utilizando imagens retiradas de revistas e de jornais e/ou palavras e textos.

MARCAS NO CORPO: O NOME E AS PARECENÇAS...

Quando nascemos, uma das primeiras práticas sociais de inscrição no corpo vem a ser a escolha do nome daquele/a que passa a compor a família. Prática habitual, familiar, sobre a qual geralmente não voltamos nosso olhar e pensamento. No entanto, a essa escolha, muitas vezes entre pai, mãe e avós, integram-se diversos elementos sociais⁷ e tipos de relações como: os desejos, os sentimentos, as relações entre o pai e a mãe, o posicionamento do homem e da mulher, as tradições nos nomes dos antepassados, a posição dos ícones religiosos ou artísticos e, ainda, o acaso, o inusitado.

Alguns desses elementos são possíveis de serem vistos na conversa entre duas professoras sobre a história dos seus nomes, na qual uma apresentava a outra. Fátima, ao apresentar a Eliana, conta: Bom, ela se chama Eliana. Por um erro do pai? (A colega acena a cabeça afirmativamente.) Porque a mãe dela tinha escolhido o nome de Liliana, que ela gostava muito, mas, segundo ela, a mãe falava muito e tonteou o pai. Daí, na hora em que ele saiu e, chegou lá, esqueceu o nome. Como é mesmo? Começou a pensar e lembrou que naquela época tinha uma artista muito famosa de cinema, que era a Eliane. Eu acho que é Eliane e tacou Eliana mesmo. E tirou o sobrenome do meio, não é? Porque daí, se ela for meio analfabeta, coisa que não é, ela vai escrever errado.

Por um lado, as práticas associadas à escolha do nome, muitas vezes, têm a finalidade de produzir continuidades, tradições através, por exemplo, da escolha do nome da avó, gerando processos de identificação. O que foi possível ver na fala da Fátima a respeito do que a Maria Antônia contou sobre a sua identificação com o próprio nome: *A Maria Antônia diz que esse é o nome dela, ela se considera Antônia em tudo, o corpo todo. Ela procura ser, na verdade, porque o nome dela veio das duas avós, das duas Antônias, mas ela procura se identificar mais com aquela Antônia vó que ela conheceu e conviveu mais, então ela sempre procura ser a amiga, amiga do aluno, amiga dos amigos, amiga dos colegas, ela acha que essa é ela.*

Por outro lado, às escolhas feitas nas relações familiares, emergem ações ou estratégias de resistência, seja de um dos pais, seja daquele que foi nomeado. O primeiro tipo de relação apareceu quando Hilda contou que: *(...), o Hilda é da avó paterna. A mãe não queria, não gostava do nome. Então, ela nunca foi chamada de Hilda, foi chamada só de Elisabete.* A essa fala, Hilda intervém: *É. E eu só quero*

⁷ Estou chamando de elementos ao dito – o discurso – e ao não dito – o visível (ações, gestos, disposições) – que se articulam nas relações humanas e na trama social, produzindo dispositivos, ou seja, estratégias com uma determinada finalidade (Foucault, 1998, p. 244).

ressaltar como as coisas são. Depois de adulta é que eu fui entender. Eu nunca fui chamada de Hilda. Bete, Bete, Betinha, Bete, Bete. Quando eu fui para a escola, eu fiquei sabendo que eu era Hilda. Eu entrei em pânico.(...).

A segunda relação tornou-se visível quando Daiara falou sobre a sua identificação com o seu nome: *Eu nunca me identifiquei com o meu nome, sempre achei muito estranho. Procurei o significado, pra ver se tinha alguma coisa a ver comigo, nunca achei. Quando eu tive sobrinhas, elas me apelidaram de Dada, e ficou esse Dada de uns tempos pra cá. Eu sempre queria ter apelido. As crianças me colocaram o apelido e ficou. Até as pessoas que têm pouca relação comigo começam a me chamar de Dada, por causa dos familiares.*

Nessas falas torna-se possível ver a proveniência do corpo nos sinais produzidos nas relações cotidianas que ocorrem entre pai e mãe, netos e avós e com outras figuras sociais. Essas marcas são efeitos de posições, na presença do que acontece, tanto de submissão aos outros e a si, prendendo-se a uma determinada identidade e grupo, quanto de insubmissão e estranhamento daquilo que está dado, trazendo a possibilidade de intervenção nas práticas associadas à constituição das identidades, neste caso o nome.

Nas relações familiares funcionam, também, ações relacionadas, por exemplo, ao estabelecimento de semelhanças entre as pessoas de um mesmo grupo familiar. No processo que institui as parencas familiares funcionam os regimes da herança (da linhagem familiar e/ou da genética), as posições desiguais entre etnias, os “laços” afetivos ou sangüíneos, as fotografias, as histórias de família, o posicionamento da mulher, as características físicas e comportamentais, configurando a identificação/diferenciação e o pertencimento/exclusão das pessoas e dos grupos familiares.

A fala da Fátima, a respeito de como as parencas entre ela e o padrasto foram sendo criadas na convivência familiar, parece ser ilustrativa de práticas familiares direcionadas à constituição de semelhanças. Fátima conta: *Eu sou parecida com o meu pai fisicamente. Desde que eu era pequena, sempre me diziam: a Fátima é a mais parecida. Nós éramos quatro filhos, minha mãe viuvou e casou novamente. O meu padrasto tem o tipo físico que tinha o meu pai. Então, ela teve mais filhos, nós éramos oito. Todas as pessoas que não nos conheciam chegavam lá em casa, conheciam a criança e diziam: essa, que era eu, é a mais parecida com o pai. E nós ríamos, porque ele não tinha nada de meu. Então vê como às vezes a gente tem aquela neurose de que o filho tem que parecer comigo e não com o outro e, no entanto, isso aí é meio relativo.*

Nessa narrativa, é possível ver como nas relações entre familiares, parentes e amigos vão sendo produzidos e compartilhados significados, sinais, relativos à construção de maneiras, sentimentos, por exemplo, que passam a marcar e legitimar com quem a pessoa se parece/identifica. No entanto, essas práticas habituais que funcionam nas interações familiares – de categorização, de posicionamento – e que integram o processo de identificação/diferenciação das pessoas não são olhadas como constitutivas de subjetividades/corpos. O não estranhamento do papel das práticas processadas nos grupos sociais impede que se veja (e interrogue) o caráter social e fabricado dos atributos marcados, o que confere aos mesmos a qualidade de inerentes à pessoa ou ao grupo familiar. Então, podemos pensar na família como uma das primeiras instituições envolvidas na constituição e circulação de determinados significados a partir dos quais as pessoas pensarão e agirão em relação a si e aos outros.

Todavia, cedo, o corpo ingressa e passa a se relacionar com outras instâncias produtoras de significados que o interpelarão na escola, no grupo de amigos, nas lojas, nos supermercados, no *shopping*, na mídia,...

JUVENTUDE E VIDA/MORTE NA SOCIEDADE DE CONSUMO...

Nos dias de hoje, vivemos numa sociedade que privilegia o consumo, em que para a identificação/pertencimento a essa lógica, cujos limites ultrapassam a noção de território geográfico, fabricam-se outras marcas identitárias, especialmente, *ser* consumidor. Ao mesmo tempo, desde o século XIX, nas sociedades ocidentais, as estratégias políticas que compõem a rede de governo das populações direcionam-se à vida (Foucault, 2000). Assim, vivemos numa época em que se privilegia a vida e em que o corpo adquire um valor, o de ser produtivo para o sistema onde se encontra inserido, neste caso, produzir para consumir os produtos que vão sendo apresentados como inerentes às pessoas e ao modo de viver e ser.

Nessas lógicas, cujas “verdades” engendram-se no corpo social, a finitude do corpo e as marcas da sua transformação no transcórrer da vida tornam-se impensáveis. Isso gera movimentos de adoção de estratégias de combate aos seus processos de “deterioração” e de busca do prazer, do corpo “perfeito” e da manutenção da vida a qualquer “preço”. Nessa procura desenfreada pela juvenilização do corpo e da vida, criam-se novas tecnologias e espaços de transformação e recuperação do corpo a cada dia, sendo a velhice e a morte vistas como decadência e derrota que estão por vir e que, portanto, devem ser evitadas ao máximo. É claro que, para que tudo isso aconteça, torna-se necessário que o “cidadão” dessa época tenha

não só cartão de crédito, mas também poder aquisitivo produzido na extração do(s) tempo(s) de vida da(s) pessoa(s) no trabalho.

Eficientes estratégias, hoje, na difusão dos discursos e das práticas que dão forma à cultura de consumo, vêm sendo os meios de comunicação de massa. Através da proliferação e veiculação de imagens estilizadas do corpo bonito, jovem, livre sexualmente associado ao prazer e ao lazer, tais estratégias enfatizam a aparência visual e integram o processo de percepção cotidiana da aparência do corpo (Featherstone, 1982).

Para Kellner (1998), a publicidade tornou-se um discurso dominante, deslocando outros discursos públicos através das imagens de mercadorias, de consumo, de estilo de vida, de valores e de gênero, o que exige leituras críticas desses mecanismos. Para o autor, as imagens publicitárias têm um poder simbólico e persuasivo que não apenas vendem o produto, mas, ao se relacionarem a determinadas qualidades socialmente desejáveis, vendem também visões de mundo, estilos de vida, valores e posições de sujeito congruentes com os imperativos do capitalismo de consumo.

No entanto, novamente, não nos pomos a pensar sobre a natureza dessas invenções que passam a circular na trama social, assumindo o caráter de verdades e de naturais na ordem da vida das pessoas, cujos efeitos adquirem múltiplas dimensões – desejos, frustrações, hábitos, saúde/doença, vida/morte,...

Esse funcionamento, presente na sociedade onde vivemos, e seus efeitos tornaram-se visíveis quando os professores/as falaram sobre a vida da criança, do jovem e do adulto e o envelhecimento e a morte⁸.

No entanto, vou trazer, aqui, fragmentos do que foi dito sobre a juventude e a velhice e a morte, a fim de dar uma continuidade às discussões que pretendo fazer, nessa sessão, relacionadas ao modo como lidamos com a vida e a morte nos dias de hoje.

Ao representarem a adolescência, o grupo de professores colocou em posição central a imagem, em tom azulado, de uma jovem com os cabelos presos em papalotes, o rosto pouco maquiado e portando óculos; um vestido de estilo conservador (modelo reto, abotoado na frente, com comprimento abaixo do joelho, estampado com pequenas flores), sem enfeites ou bijuterias e numa postura indagativa. Em um dos lados da figura dessa jovem, havia uma pergunta – *Por que não eu?* – e no outro uma resposta – *Porque mulher feia não entra.*

⁸ Estou mencionando, aqui, as produções dos/as professores durante a atividade “Linha de vida social” sobre as fases da vida, já mencionada em nota.

Essa maneira de narrar o corpo jovem, ao relacionar a imagem de uma jovem sem encantos, tida como feia conforme os padrões e as tendências em voga e acentuada pela cor monótona e pelas sentenças referidas, traz os sentidos legitimados para uma estética de corpo ao valorizar a aparência visual oposta à “feiúra”. Além disso, (re)inscreve enunciados tidos como verdadeiros, que moldam e regulam a maneira das pessoas entenderem os seus corpos, posicionando, simultaneamente, a mulher feia como imagem negativa, aquela que não tem “lugar” – *não entra* – e o seu contrário, a mulher bonita, cuja beleza é garantia de sucesso. O espelho da jovem feia, ao funcionar como a imagem de si, cria condições para que se entrevejam demandas e modos de agir no corpo para pertencer ao grupo das jovens bonitas.

Outros comportamentos, expectativas e hábitos, vistos como integrantes do pensamento e do modo de vida e de *ser* adolescente, foram representados com imagens cujas marcas eram: o rosto de uma mulher loira, maquiada, sorridente – a jovem bela; a convivência em grupos – as festas noturnas, as torcidas, os movimentos políticos, as atividades escolares e a utilização de drogas – e as atividades individuais – andar de bicicleta, lidar com computadores e ouvir “som” –; e, ainda, os hábitos alimentares – o *xisburger*, as batatas fritas, o refrigerante e o sorvete do Bob’s e as massas –, um jeito de comer e de obter energia rapidamente disponível para esta acelerada maneira de viver.

Ao mostrar a adolescência representada, Valéria comentou: *O adolescente tá muito ligado às informações. A informática (Internet), o computador são importantes para muitos adolescentes, ao mesmo tempo, o grupo social é muito importante para a vida dele. Então, a gente começou pela escola, primeiro grupo social de que o adolescente faz parte, depois botamos várias tribos, tem ali a madrugada, o adolescente cada vez mais jovem entrando na questão social, a badalação, também não esquecendo; depois, embaixo, um grupo bem irreverente, o adolescente precisa do apoio do grupo para se sentir “gente” e a questão das drogas, que também é uma questão social, adolescentes em grupo; e a questão do esporte (...), questão da energia, muitas vezes, eles têm energia acumulada e precisam dissipar através disso... E ali aquela moça pensando, o adolescente precisa ter um referencial, ou vários referenciais, sempre têm ídolos de algumas coisas, eles precisam disso também. E aquele cara sentado na frente da TV é a mídia. A mídia, realmente, sempre em cima do adolescente. O “plim” são as idéias, sempre na cabeça. Os adolescentes, mesmo sentados, quietos, estão com a cabeça a mil.*

A adolescência aqui narrada incorporou, especialmente, os sentidos e as práticas veiculados na mídia para o “ser jovem”, cujo jeito de viver deve ser uma série ininterrupta de intermináveis e incansáveis correrias – o jovem “verdadeiro” precisa ser

dinâmico. Para cumprir tais exigências, o corpo jovem precisa manter-se em forma, freqüentando regularmente academias ou atividades esportivas. Mesmo no lazer, o corpo e o tempo são administrados pelas atividades, andar de bicicleta, praticar *surfe*, tênis ou futebol, tomando a forma de um “descanso ativo”. O estilo de vida, em constante atividade, como marca do modelo ideal de jovem, aparece especialmente nos programas de televisão dirigidos aos jovens (Chmiel, 1996).

Simultaneamente, para pertencer a essa categoria jovem, o corpo precisa ser atualizado, consumindo as últimas novidades da moda, incorporadas como necessidades: os bens de consumo – as roupas, as bijuterias, os sapatos, os tênis,... – de determinadas marcas; as festas noturnas que proliferam nos meios urbanos; os lanches rápidos exibidos nas propagandas publicitárias. Tudo para atender às exigências desse estilo de vida.

Relacionado a esses processos identitários, o corpo jovem precisa, também, encontrar-se conectado⁹ a tudo e a todos/as. Numa rede de contatos, informações e conversas que requerem um aparato tecnológico – dos celulares ao acesso à Internet –, cujas conversas ou namoro *online* dispensam a imagem corpórea: do corpo bastam os pensamentos. Tais tecnologias (re)configuram a vivência em grupo que, nessa adolescência, não se restringe aos momentos vividos na escola, no bairro, no *shopping* ou nas festas, mas ganha outra coletividade em outros espaços que ultrapassam as fronteiras e a dinâmica dos micro-territórios onde vive e convive. Num processo crescente, a identificação/diferenciação de determinados jovens vem incorporando elementos presentes em culturas localizadas em diferentes espaços do planeta.

Inscritos nessa cultura do consumo e da mídia, os/as jovens (e suas famílias) tornam-se consumidores “vorazes”, visto que os produtos e as novas tecnologias tornaram-se imprescindíveis para a sua identidade de jovem “verdadeiro” e suas possibilidades de vida ou de vir a ser/ter prazer, liberdade, beleza,... Simultaneamente, cria-se um grande número de jovens que, muitas vezes, realizam diversas “manobras”, nas suas vidas, para adquirir aqueles produtos que pretensamente os incluirão nesse padrão de juventude tido como hegemônico.

Num outro “extremo”, dessa maneira de ver e viver, encontram-se a velhice e a morte. Para a morte não há lugar, a não ser no fim da vida. Contudo, não pensamos ou queremos esquecer que ela caminha junto com a vida.

Isso foi o que aconteceu quando um grupo de professores que havia representado a velhice e a morte, na atividade anteriormente mencionada, procurou

⁹ Segundo Sant’Anna (2000), o corpo sempre atuou como um meio de comunicação; no entanto, hoje, ao encontrar-se plugado às novas tecnologias, ele realiza plenamente a função de um mecanismo que processa a comunicação.

posicionar sua produção no cartaz que representava as fases da vida. Para a morte, não havia “lugar”. Foi preciso ser criado um espaço, após a velhice, para incluí-la no final. Para deixar viver, a morte foi controlada, colocada no termo da vida, retratando a sua posição numa sociedade regida pela vida, na qual as técnicas reguladoras devem fazê-la desaparecer para “fazer viver” (Foucault, 2000, p.294).

No entanto, a morte que apareceu, ali, trouxe imagens que mostravam outras formas de morrer, que não a natural, nas cenas de algumas práticas de matar nas sociedades de hoje – a violência urbana, o abandono do idoso, o extermínio político, o racismo e a eutanásia. Além disso, tornou-se visível a distribuição desigual dos espaços ocupados pela morte na nossa cultura, nas imagens da Lady Di, soberana morta naquela semana, cuja morte e rituais obtiveram grande espaço de difusão na mídia, como também as estratégias que constroem as verdades do direito de vida ou morte, nas imagens de filmes de Hollywood e nas manchetes a respeito da AIDS. Além disso, a morte foi vista como *passagem* para outras formas de vida – em espírito segundo os discursos religiosos, em outros seres vivos segundo o discurso ecológico – neste ou num outro mundo.

Os enunciados religiosos e científicos sobre a morte e a vida, embora com distintas naturezas, vêm se configurando como promessas de continuidade, felicidade, liberdade, salvação, eternidade, em que as pessoas têm se “agarrado” e assumido como verdadeiras, tornando-as naturais e legítimas em determinadas maneiras de viver. Isso vem dificultando, ou mesmo impedindo, que as “verdades”, os rituais, os procedimentos, as regras vinculadas a tais discursos sejam pensados como construções humanas que, em distintas épocas, têm disciplinado os corpos e regulado as vidas e as mortes de diferentes maneiras.

Do ponto de vista biológico, a morte é comum a todos os seres vivos. Todavia, enquanto fato social ultrapassa a condição individual, tornando-se experiência coletiva que adquire dimensões simbólicas conforme os grupos sociais e os momentos históricos (Elias, 2001). Numa sociedade regida pela vida e por fazer viver, como se pode exercer o poder de morte? Quem pode morrer? Que mortes nos inquietam ou não? Essas são questões que têm me movido a examinar como, em nossa sociedade, lidamos com a morte: prolongando algumas vidas e justificando a eliminação de outras. Que regras legitimam lógicas e práticas que governam as vidas/mortes?

Finalizo esse texto, fazendo novamente uma analogia com a música com a qual o iniciei e interrogando-me se “Eu, caçador de mim” e da vida não significaria deixar de olhar o mundo como se ele fosse surpreendente, confuso, inacessível e movido por sentidos e explicações distantes, mas voltar o olhar para as ações que, de

perto, movimentam e fabricam corpos e vidas/mortes para delas procurar me distanciar?

REFERÊNCIAS

- CHMIEL, Silvina. El milagro de la eterna juventud. In: ARIOVICH, Laura et al. *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1996. p. 85 – 102.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. RJ: Jorge Zahar Editor, 1994.
- FEATHERSTONE, Mike, The body in consumer culture. In: FEATHERSTONE, Mike, HEPWORTH, Mike e TURNER, Bryan S. *The body: social process and cultural theory*. London: Sage, 1982. p.176 - 196.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.L.; RABINOW, P. *Michel Foucault - Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. RJ: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.
- FOUCAULT, M. Verdade e Poder. In: *Microfísica do poder*. RJ: Graal, 13ªed., 1998, p. 1-14.
- FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do poder*. RJ: Graal, 13ªed., 1998, p. 15 - 38.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. (trad.) Maria Ermantina Galvão. SP: Martins Fontes, (1ª ed. 1999), 2ª ed., 2000.
- FOUCAULT, M. 1977 - Poder e Saber. In: *Estratégia, Poder-Saber*. RJ: Forense Universitária, 2003, p. 223 – 240.
- FOUCAULT, M. 1984 – A Ética do Cuidado de Si como Prática de Liberdade. In: *Ética, Sexualidade, Política*. RJ: Forense Universitária, 2004, p. 264 – 287.
- KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, T.T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. Petrópolis :Vozes, 1995. p. 104 – 131.
- LARROSA, Jorge. A libertação da liberdade. In: BRANCO, Guilherme Castelo e PORTOCARRERO, Vera (Org.) *Retratos de Foucault*. RJ: Nau Editora, 2000, p. 328-335.
- SANT`ANNA, Denise Bernuzzi de. Descobrir o corpo: uma história sem fim. In: *Educação e Realidade*. Produção do corpo. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v.25, n. 2, jul./dez. 2000. p. 49 – 58.
- SOUZA, Nádia Geisa S. de. *Que corpo é esse? O corpo na família, mídia, escola, saúde...* Tese de doutorado. PPG em Bioquímica/ICBS/UFRGS, 2001.